

ULTRAPASSAGENS NO INFERNO DO CORPO: NARRATIVA, CORPO E OLHAR EM PATRÍCIA MELO

Anne de Souza Ventura

*“Por mais que eu corra nem chego nos muros
Algo me prende aqui a fuga é impossível
Que porra de detenção sem muro, meu maldito mundo”
(Facção Central – Detenção sem muros)*

“Inferno”¹ não é somente o título de um romance; constitui, também, um substantivo que traduz os tormentos contemporâneos que tecem o dia-a-dia de uma grande massa de pessoas. Trata-se da desumana realidade na qual se vê exposta a periferia nesses novos tempos que recebe, entre outras denominações, a de “Pós-Modernidade”.

A “liberdade” defendida pelo capitalismo mostrou suas faces contraditórias, aprisionando os indivíduos a regras de consumo que se aplicam a todos, sem prestar cuidados às desigualdades sociais. O mercado financeiro, hoje, goza de total liberdade de ação e não mais deve satisfação aos governos, que se retiram cada vez mais de cena em prol da privatização. Ficam os indivíduos responsáveis pela própria sobrevivência, à mercê dos interesses de alguns grandes grupos empresariais. Diversos são os estudiosos que nos alarmam para a decadência daquilo que chamamos sociedade. Tomou-nos, o individualismo, como resultado de uma *prática neo-liberal* que transformou a noção moderna de sociedade, criando o que ousaríamos nomear de *Sociedade do Rancor*. Tratamos, aqui, da continuação frustrada da “Sociedade de Consumo” idealizada na modernidade. Frustração que se dá porque, em sua elaboração, a “Sociedade de Consumo” supunha cidadãos preparados, emocional e financeiramente, para interagir com esse consumo, o que, nota-se, não se concretizou. Agrava-se mais a situação se pensarmos que “consumo” não

¹ MELO, Patrícia. *Inferno*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

deve ser compreendido apenas como o ato da compra, mas, sobretudo, como comportamento social que vem a constituir a cidadania.

O “mal-estar” pós-moderno nasce da “liberdade e não da opressão”. A *liberdade* pós-moderna vem amarrada com a corda da incerteza, que é, segundo Bauman², “permanente e irreduzível”. Trata-se do “unsicherheit”, contrário à sensação de “sicherheit” que Freud sustenta remetendo-se à “segurança, certeza e garantia”.

No romance “Inferno”, Patrícia Melo conta, através de uma narrativa fluida e sufocante, a história de um jovem de nome José Luís, apelidado de Reizinho. Como já mencionamos, não é despretensiosamente que a saga de Reizinho vem a ser chamada de “Inferno”. O protagonista desse livro, que será o principal objeto de nosso estudo, é mais uma vítima desses novos tempos. Como seus companheiros de pobreza, ele não tem acesso à liberdade que está à venda no mercado. Ao contrário do que se poderia supor, “um mundo interconectado não é necessariamente um mundo homogêneo. O possível retraimento do planeta não conduz de forma alguma a uma equalização de todas as zonas geográficas.”³ A diluição da estrutura moderna do mundo separa os indivíduos em dois blocos: os poucos que alcançam a plataforma flutuante do capital e os muitos que ficam à margem, vivendo na dependência desses últimos. Confecciona-se uma gigantesca periferia miserável que presta pequenos serviços a uma minoria abastada.

Levando em conta que a literatura é, como analisa Barthes, “absolutamente, categoricamente realista”⁴, visamos neste breve estudo compreender o “fulgor do real” transubstanciado à narrativa de “Inferno”. Dialogando com o romance de Patrícia Melo, trouxemos, para este trabalho, algumas letras de músicas do chamado *Hip Hop* nacional, produzidas por grupos musicais formados nas periferias. Nessas canções, encontramos jovens que

² BAUMAN, Zigmund. *Em busca da política*. Trad.Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p.24,27.

³ LÉVY, Pierre. *A conexão planetária*. Trad.Maria Lúcia Homem e Ronaldo Entler. São Paulo: Ed.34, 2001.

⁴ BARTHES, Roland. *Aula*. Trad.Leyala Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1982, p.18.

expressam, através da música, toda a experiência caótica que os aflige nas favelas; que, assim como Reizinho, vivem, entre outras, a angústia de não possuir finanças para interagir com a enxurrada de produtos que o consumo lhes impõe. Expostos à opção do tráfico ou da miséria e violentados de formas tão diversas que perdem até a noção do agressor. “Seja bem-vindo ao mundo sinistro”⁵

É através do corpo, e só através dele, que podemos experimentar os prazeres e dissabores da vida. Logo, serão os corpos que diretamente irão sofrer os tormentos que a sociedade pós-moderna trará consigo. Ressaltamos que o corpo é percebido, aqui, não como estrutura fisiológica, que pouco se altera durante a história da humanidade, e sim como uma construção social, suporte de signos, ou, como diria o antropólogo José Carlos Rodrigues, como “fato social”⁶.

Vive-se, hoje, sob o peso da responsabilidade individual para com o consumo. Se a única regra que a sociedade oferece para os seus membros é ser capaz de desempenhar o papel de consumidor, aqueles que falham nessa tarefa, falham socialmente. Um indivíduo que não interaja com o consumo perde a sua noção de cidadania e, desta forma, a de identidade. Como os objetos significam-nos e têm o poder de recriarem nosso corpo, indivíduos como Reizinho, que não são capazes de adquirir esses objetos, sofrem uma intensa crise de identidade que influenciará agudamente sua idéia de corpo. Quando a noção de corpo é desnorteada, o próprio conceito torna-se de difícil definição psíquica e social, problemática que encontramos representada na narrativa em corpos que se invadem e se ultrapassam. É no surgimento da fluidez do corpo que concentramos a nossa maior atenção, analisando seu aparecimento e seus desenlaces nas tramas que compõem o texto literário.

⁵ MV Bill. Traficando Informação. In: *Traficando Informação/Encarte*. Natasha/Bmg, 1999.

⁶ RODRIGUES, José Carlos. *Tabu do Corpo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1975, p.129.

Segundo Freud⁷, os bloqueios, ou inibições, podem se dar em quatro níveis: o sexual, o do trabalho, o da locomoção e o alimentar. Desses quatro níveis de bloqueios psíquicos citados, Reizinho apresenta, durante a narrativa, nada menos que três deles. O primeiro a surgir é o bloqueio alimentar. Já nos capítulos iniciais Reizinho quase nunca sente fome; esse bloqueio vai segui-lo durante todo o percurso da narrativa, aparecendo de diversas formas. Uma das situações em que vemos claramente um exemplo dessa inibição é quando a personagem é levada à churrascaria com os homens do tráfico para passar por um teste: matar um homem. Ele vai à churrascaria e os acompanha na alimentação, mas uma espécie de torpor o toma: “(...) as palavras que diziam, tudo rápido demais, seqüestros, armas, carnes, pistolas (...)”⁸. Ele, de fato, mata o homem, mas é tomado, logo depois, por um sentimento de culpa e vomita, entre contorcidos gemidos, toda a carne que comera. Já o bloqueio do trabalho, aparece no tempo em que Reizinho faz uma frustrada tentativa de se empregar como *boy* e reaparece ao final do livro, quando já não suporta mais a pressão de ser o líder do tráfico e decide fugir do morro. A inibição sexual vem, para Reizinho, juntamente com a insegurança e a falta de confiança em sua companheira, que se torna tão suspeita quanto seus inimigos. Como vemos, os bloqueios se dão em níveis psíquicos, mas são fabricados socialmente.

Como já foi dito antes, a pós-modernidade traz consigo uma dinâmica nunca antes experimentada. É o tempo dos descartáveis. Tudo que surge tem seu tempo contado, e seu fim está no instantâneo tempo de uma nova escolha. Por isso, as pessoas passam os dias tentando alcançar as melhores opções e torcendo para que tenham feito sua escolha da melhor forma. A influência do mundo de consumo, das imagens que impõem novos e passageiros estados de ser, ou melhor, estados de ter, tornam o corpo um objeto mutável e sem limites, uma vez que é

⁷ FREUD, Sigmund. *Inibições, Sintomas e Ansiedade*. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

⁸ MELO, Patrícia. Op. cit. p. 107.

alongado pelo espaço virtual do desejo. É importante entender que o desejo que nasce do consumismo é um sentimento inextinguível, tanto para aqueles que podem adquirir as mercadorias em oferta, quanto para os que não as alcançam. Como resumem Mark C. Taylor e Esa Saarinen: “O desejo não deseja satisfação. Ao contrário, o desejo deseja o desejo.”⁹. Os dois grupos de indivíduos pensam que as mercadorias podem lhes fornecer algo que lhes falta, não em termos de aquisição de um novo produto, mas de uma identidade. Como as mercadorias são sempre substituídas por novos lançamentos de mercado, cria-se uma identidade transitória. “Assim, os objetos *nos* significam: eles têm o poder de outorgar-nos alguns sentidos, e nós estamos dispostos a aceitá-los.”¹⁰ Logo, não ter meios para acompanhar o consumo é saber sempre que lhe falta uma possibilidade de identificar-se.

As identidades, dizem, se quebraram. Em seu lugar não ficou o vazio, mas o mercado. As ciências sociais descobrem que a cidadania também se pratica no mercado, e que as pessoas que não têm como realizar suas transações ali ficam, por assim dizer, fora do mundo.¹¹

Incertas e cruéis são as normas desse consumo e, por conta disso, os corpos também irão tornar-se instáveis e inseguros. Reizinho, após receber o seu primeiro “salário” como “olheiro”, pensa nas possibilidades que o dinheiro lhe traria: “Um tênis novo, iria comprar. Sempre quisera ter do tipo lasanha, andar e sentir o puf, puf, a maciez. E se entregasse o dinheiro para a mãe? Não, e também queria um boné escrito Nike, preto.”¹²

⁹ Apud. BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: 1999. p.91.

¹⁰ SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna. Intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina*. Trad. Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997. p.28

¹¹ SARLO, Beatriz. Op. cit. p.26.

¹² MELO, Patrícia. Op. cit. p.23.

Segundo Nízia Villça¹³, “(...) viver o corpo não é apenas afirmar sua força, mas reconhecer sua fraqueza, entre os prazeres do gesto afetivo e os sofrimentos da carne.”. Levando em conta o fenômeno da individualização e do esfriamento das relações, constatado por diversos estudiosos da contemporaneidade, podemos imaginar o quanto o corpo se contorce com a falta de afeto, uma vez que o toque já não pode ser aceito com tranquilidade. Vejamos a reação de Reizinho quanto ao afeto: “(...) Reizinho odiava que tocassem em seu corpo, nem abraço, aperto de mão, beijo no rosto, qualquer tipo de contato incomodava (...)”¹⁴ Ou ainda: “José Luís estava contente, mas os exageros da mãe o incomodavam, e o aborrecia especialmente ela querer abraçá-lo, beijá-lo, não gostava daquilo.”¹⁵ O único toque que Reizinho irá conhecer é o espancamento. Não apenas pela violência doméstica, mas também com o tráfico e com a discriminação policial.

Depois das sovas, Reizinho sentia como se tivesse engolido um ovo de tristeza, um ovo que entalava no esôfago, entre a garganta e o peito, taf, bate, ele pensava, bate, pode bater, com o tempo o ovo se quebrou, tap, e Reizinho passou a não sentir mais nada, nunca mais, tap, era só carne sendo socada, bate, ele pensava, pode bater, não dói, porra.¹⁶

Outra personagem muito importante que aparece no livro é Leitor. Como o próprio nome indica, ele é uma personagem “cult” e torna-se o braço direito de Reizinho em sua vida como líder no tráfico. Será a ele que todos irão recorrer em momentos de dúvida. Num certo episódio, ainda no início da história, quando Leitor desconfia ser Reizinho vítima de violência doméstica,

¹³ VILLÇA, Nízia. *Em pauta: corpo, globalização e novas tecnologias*. Rio de Janeiro: Mauad:CNPq, 1999.

¹⁴ MELO, Patrícia. Op. cit. p.58.

¹⁵ MELO, Patrícia. Op. cit. p.294.

¹⁶ MELO, Patrícia. Op. cit. p.16.

ele lhe fala: “Matam o nosso amor. E você só vai compreender isso quando quiser amar de verdade. Amar uma mulher. Isso não tem conserto. Você não vai conseguir amar nada. Nem um animal. Vai se sentir inferior, sempre.”¹⁷

Atendo-nos um pouco à violência, que se faz presente no decorrer de todo o livro, podemos refletir um pouco sobre o apagamento do corpo na sociedade pós-moderna. Se corpo é a idéia que fazemos dele, seus signos, suas experiências, a partir do momento em que perdemos essas noções que o conceituam, esse corpo perde o seu valor. Não tendo mais nítida a nossa referência de corpo, não o respeitamos mais. Talvez, por isso, mata-se por um tênis, ou ainda, para aliviar-se um pouco da insegurança que se sente.

A sua vida na favela não vale nada

Até os caras na praça jogando uma pelada

Discussão, soco na cara, começa a porrada

Mente criativa pronta para o mal

Aqui tem gente que morre até por um real¹⁸

Corpos violentados são corpos frágeis. A violência da exclusão talvez seja a que mais fragiliza essas personagens. Mas, além disso, os moradores do *morro do Berimbau* precisam aprender a conviver com a violência do tráfico. Principalmente os que fazem parte dos “negócios”, como é o caso de Reizinho. A traição está sempre presente e a punição é a morte. Mortes, mortes, mortes. Matar para não morrer, para continuar no poder. “Odiava aquela sensação de desamparo. E de estar sendo perseguido. Porra. Coisas escondidas. Alguém na

¹⁷ MELO, Patrícia. Op. cit. p.76.

¹⁸ MV Bill. Traficando Informação. In: *Traficando Informação/Encarte*. Natasha/Bmg, 1999.

tocaia, espreitando. Odiava aquilo. Inimigos, morrer, ter que matar. Porra.”¹⁹. A insegurança está o tempo toda presente na narrativa de *Inferno*, assim como nas letras das canções de *Hip Hop*. “Se eu cair só minha mãe vai chorar / na fila tem um monte querendo entrar no meu lugar.”²⁰

A desconfiança chega ao seu máximo quando José Luís é levado a assassinar seu melhor amigo, Fake²¹, por suspeitas de traição. A suspeita é levantada por sua própria companheira, quem, pouco depois, ele descobre estar equivocada. Não há em quem confiar, todos são suspeitos. Como disse Bauman²², a amizade do tipo “um por todos e todos por um” já não possui o seu espaço hoje. Todos são vistos como estranhos e o que, no máximo, os indivíduos pós-modernos podem alcançar é uma passageira e descompromissada troca de experiências. Por esta razão, contatos são interpretados como invasões. E são várias as formas pelas quais um corpo pode ser invadido. A começar pelo olhar que violenta a realidade do transeunte.

Reizinho observava as pessoas o tempo inteiro, em especial as deformidades e as desproporções dos corpos (unhas estragadas, feridas, caspas, calos, sujeiras, etc). Sentia-se sempre desorientado espacialmente porque só conseguia enxergar as pessoas, nunca os lugares. Todavia, Reizinho não gostava de ser a vítima violentada pelo olhar alheio. Num trecho em que está sentado na rua com os hematomas da violência da mãe à mostra, percebe, inquieto, que ele se torna o invadido. A dor de José Luís torna-se espetáculo para outros observadores e isso o incomoda. “Ele, que sempre gostou de permanecer invisível na multidão, para observar à vontade os transeuntes. Odiava a maneira como o encaravam. Como se fosse um furúnculo purulento, um mendigo dormindo no asfalto, um epilético tendo um ataque na missa de domingo.”²³ Há, também, os olhares de ódio que a mãe lançava-lhe para avisar que iria surrá-lo, o olhar de Leitor

¹⁹ MELO, Patrícia. Op. cit. p.354.

²⁰ MV Bill. Soldado do Morro. In: *Traficando Informação/Encarte*. Natasha/Bmg, 1999.

²¹ Vale lembrar que a palavra *fake* em inglês significa “fraudar” ou “falsificar”.

²² BAUMAN, Zigmunt. *Em busca da política*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

²³ MELO, Patrícia. Op. cit. p.34.

constatando o estrago, os olhares de desconfiança, os olhares de clemência. Constantemente os olhares agridem Reizinho.

Outro elemento corporal importante no livro é o riso que leva à desconfiança. Em todos os aparecimentos de riso no livro, podemos notar que esse está no lugar do não identificado, dando margens à insegurança de Reizinho. “(...) o riso partilha, com entidades como o jogo, a arte, o inconsciente etc., o espaço do indizível, do impensado, necessário para que o pensamento sério se desprenda de seus limites.”²⁴. Logo no início da narrativa, o riso aparece provocando uma sensação incômoda e duvidosa. O aparecimento de Bidê, mais um homem do tráfico, com sua risada artificial, desperta a desconfiança de Reizinho. A mesma risada reaparece nos últimos capítulos, desta vez vinda de Marta, quando ela planeja trair Reizinho, seu namorado, e assumir a liderança. Passando do riso para o risível, encontramos a mãe de Reizinho, Alzira, que sempre sofria com as humilhações da patroa que debochava de sua ignorância e fazia da empregada motivo de divertimento para si e para suas visitas. Ora, “o risível é coisa torpe e indigna de piedade e se encontra ‘em fato’ (coisa) ou ‘em dito’ (palavra).”²⁵ Para Dona Juliana, patroa de Alzira, a empregada, em sua condição social deplorável, era risível.

Voltando a Fake, encontramos, nessa personagem, aquilo que pode representar com maestria o universo jovem da favela. Fake encontra na música a sua identidade e se agarra a esses signos para tentar escapar de sua realidade. “Sei quem sou, mano, graças ao hip-hop. Sou preto. Sou preto e quero minha parte.”²⁶ Banhado de conteúdo político, o discurso de Fake não tem, ao contrário do que nos parece em primeiro momento, nada de reflexão social. É apenas mais uma “tribo”. “Seja preto!” Como disse Stuart Hall sobre a crise da identidade:

²⁴ ALBERTI, Verena. *O riso e o risível na história do pensamento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p.11

²⁵ ALBERTI, Verena. Op. Cit. p.87

²⁶ MELO, Patrícia. Op. cit. p.68.

(...) à medida em que (sic) os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.²⁷

Ser preto, ser do hip-hop, faz com que Fake se identifique com algum grupo em especial, criando nele um sentimento de pertencimento. Todavia, assim como mercadorias, os signos escolhidos por Fake não irão satisfazê-lo por muito tempo. Ao final da história, quando entra para a liderança do tráfico junto à turma de Reizinho, Fake se desfaz do antigo visual (dreadlocks, óculos espalhafatosos, piercings, glitter, etc.) adotando novos signos (roupas mais “sérias” como calças de pregas e ternos, novo linguajar). A personagem se transforma em um homem de negócios, “Business” e “Money” são suas novas palavras favoritas: Fake veste sua identidade.

corro eu tô confuso preciso pensar
me dá um tempo pra eu raciocinar
eu já não sei distinguir quem tá errado
sei lá, minha ideologia enfraqueceu²⁸

A mídia tem um papel fundamental na elaboração dos signos que constroem o corpo. Ela não apenas dita um único padrão, mas passa a sedutora mensagem do consumo, que, ágil e flutuante, exige que nossos corpos se transformem em “corpos aptos”²⁹ a fim de acompanhar as mudanças instantâneas dos signos. Segundo Zygmund Bauman, o conceito de “aptidão” vem a substituir o conceito de saúde. “Se a sociedade dos produtores coloca a saúde como o padrão que

²⁷ HALL, Stuart. *A identidade Cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2001, p.13

²⁸ RACIONAIS MCs. Fórmula Mágica da Paz. In: *Sobrevivendo no Inferno*/ Encarte. Zâmbia, 1999.

²⁹ BAUMAN, Zygmunt. Op.cit.2001, p.91.

seus membros devem atingir, a sociedade dos consumidores acena aos seus com o ideal da aptidão (*fitness*).”³⁰ Estar “apto” é possuir um corpo flexível e ajustável, pronto para viver sensações inesperadas. Substituindo a noção de “corpo saudável”, o “corpo apto” está melhor preparado para sobreviver no mundo pós-moderno, ou seja, ser capaz de enfrentar obstáculos inesperados. Logo, a “aptidão” também está relacionada com a capacidade financeira do indivíduo.

Observamos surgir nos textos um fenômeno que, aqui, decidimos chamar de “out-dor”: Como os instrumentos midiáticos, nos tempos atuais, são acessíveis também para a grande parcela empobrecida da sociedade, a mídia transforma-se em um grande luminoso que anuncia, insistentemente, o fracasso dos “corpos não aptos”, ou seja, daqueles que não possuem condições financeiras para efetuar consumos. Imagens do inacessível habitam a periferia, talvez porque, segundo Beatriz Sarlo³¹, a opção que os mais pobres encontram é consumir o *fast-food* televisivo. Como é o exemplo de Carolaine, a irmã mais velha de Reizinho, que passa os dias se perguntando porque as coisas não são como na tv. Esse sentimento de fracasso é consequência dos ideais de vida que a telenovela impõe, já que ela “(...) toma o cotidiano como se fosse um alimento ainda cru e natural, e o cozinha e tempera de determinada maneira, isto é, elabora, ou re-elabora o cotidiano de acordo com os valores desejados pela ideologia dominante.”³² Todavia, ainda que apenas observando pela televisão, Carolaine sente-se participativa naquela vida “quase-perfeita” e, com certeza, muito mais interessante que a sua. Há, como forma de consolo, um sentimento de pertencimento latente nos telespectadores desse “ideal de vida”, pois o fascínio exercido pela mídia supera ou encobre sua mensagem de dor, ainda que não a anule.

³⁰ BAUMAN, Zygmunt. Op.cit.2001,p.91.

³¹ SARLO, Beatriz. Op. Cit. 1997.

³² GUARESCI, Pedrinho A. Comunicação e Teoria Crítica. In: *Comunicação e controle social*. Rio de Janeiro: Vozes, 1991. p.64.

Realizando um *tour* pelos cômodos do *Inferno*, encontramos recriados, em uma narrativa “fulgorosamente real”, os contextos da sociedade contemporânea e suas demasiadas problemáticas. Rei apenas de si, José Luís enfrenta um desafio já fadado à derrota: governar-se. Emerge, tanto do romance estudado quanto das letras das canções selecionadas, a dolorosa constatação do dismantelamento dos corpos. Caso utilizássemos para designar o sujeito pós-moderno a metáfora “construção”, poderíamos considerar que suas “paredes” estão passando por um processo de “derretimento”, consequência direta do que Bauman chamou de “Modernidade Líquida”³³. Podemos, então, fechar este breve resumo de nossa pesquisa com uma frase que, acreditamos, possa explicitar as conclusões de nosso ensaio: Quanto menos paredes, mais solidão.

BIBLIOGRAFIA

1. ALBERTI, Verena. *O riso e o risível na história do pensamento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
2. BARTHES, Roland. *Aula*. Trad.Leyala Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1982.
3. BAUMAN, Zigmund. *Em busca da política*. Trad.Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
4. _____. *Globalização: as consequências humanas*. Trad.Marcus Penchel. Rio de Janeiro: 1999.

³³ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida* Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

1. _____. *Modernidade Líquida* Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- 5.
6. FREUD, Sigmund. *Inibições, Sintomas e Ansiedade*. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
7. GUARESCHI, Pedrinho A. Comunicação e Teoria Crítica. In: *Comunicação e controle social*. Rio de Janeiro: Vozes, 1991.
8. HALL, Stuart. *A identidade Cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2001.
9. LÉVY, Pierre. *A conexão planetária*. Trad. Maria Lúcia Homem e Ronaldo Entler. São Paulo: Ed.34, 2001.
10. MELO, Patrícia. *Inferno*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.
11. MV Bill. Traficando Informação. In: *Traficando Informação/Encarte*. Natasha/Bmg, 1999.
12. RACIONAIS MCs. Fórmula Mágica da Paz. In: *Sobrevivendo no Inferno/ Encarte*. Zâmbia, 1999.
13. RODRIGUES, José Carlos. *Tabu do Corpo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1975.
14. SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna. Intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina*. Trad. Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.
15. VILLAÇA, Nizia. *Em pauta: corpo, globalização e novas tecnologias*. Rio de Janeiro: Mauad: CNPq, 1999.